

GÊNERO, ALTERIDADE E PODER NA LÍRICA DE ILDEFONSA LAURA CÉSAR

Edilene Ribeiro Batista¹ (UFC)

RESUMO: Este trabalho objetiva analisar a lírica de Ildefonsa Laura César (Bahia, 1794 - ?) pelas perspectivas de gênero, alteridade e poder. Seguindo uma atitude revisionista e pautado em uma crítica arqueológica, o presente estudo visa resgatar a produção textual dessa Autora, para o público leitor, mostrando que sua escritura possui um valor estético não reconhecido ainda pelo cânone literário nacional, necessitando, portanto, ser reavaliada.

Palavras-chave: Ildefonsa Laura César, alteridade, poder.

ABSTRACT: This work has the objective of analyse the lyrical texts of Ildefonsa Laura César (Bahia, 1794 - ?) using the prospects of gender, otherness and power. Using a revisionist attitude and the archeological criticism, the present study want rescue the textual production of this authoress, for the lector public, showing that her texts has aesthetic value that is not acknowledged yet by national literary canon, then it needs be revalued.

Keywords: Ildefonsa Laura César, otherness, power.

ASPECTOS INTRODUTORIOS

Ildefonsa Laura César (1794 - ?), escritora baiana da Segunda Fase Neoclássica da Literatura Brasileira, encontra-se inserida, historicamente, em uma época em que à mulher era imposta uma invisibilidade literária. Diante de tal assertiva, fica a pergunta: Por que isso acontecia? Para respondermos tal questão, necessário se faz explicar que, no período em que estamos focando nossa análise, as mulheres escritoras abarcavam, em seus textos, assuntos do dia a dia, de sua vivência. Entretanto, para o discurso falocêntrico, tais temáticas não coadunavam com a considerada universalidade literária; portanto, esses escritos

¹ Edilene Ribeiro Batista é doutora em Literatura Brasileira (pela Universidade de Brasília - UnB), professora do curso de Letras e docente do Programa de Pós-Graduação em Letras, do Departamento de Literatura, da Universidade Federal do Ceará – UFC, em Fortaleza/Brasil. Pesquisadora na área de gênero, faz parte do GT da ANPOLL “A Mulher na Literatura” (na linha de pesquisa “Resgate”); coordena o grupo de estudo/pesquisa “Outras Vozes: Gênero e Literatura”. Autora de livros e de diversos artigos em revistas e capítulos em obras teóricas, tem participado, com comunicações orais, em diversos congressos nacionais e internacionais.

eram tidos como menores, factuais, corriqueiros, sem a importância necessária para sua permanência no cânone. A esse respeito, afirma Ivya Alves:

Sendo o paradigma literário voltado para a universalidade e para o atemporal, essas escritoras flagraram e acompanharam as transformações do dia-a-dia da sociedade brasileira. Sendo documentos importantes para revelar uma outra face daquele momento, e como as mulheres viam e interpretavam essas transformações (ALVES, 1998, p.239).

Para o homem, Sujeito da cena literária de então, só “novas formas de leitura, que [levassem] em conta o contexto e, dentro dele, as limitações e interditos impostos à ‘condição’ feminina, efetivamente, [faziam] emergir [uma] rica e diversificada produção [literária]” (ALVES, 1998, p.245).

Para Rita Therezinha Schmidt, essa invisibilidade literária feminina, que resulta em uma violência simbólica contra a mulher escritora, passa por motivos que

remetem à própria concepção de criatividade postulada pela ideologia patriarcal e generalizada sob a forma de uma premissa básica, a de que os homens criam e as mulheres simplesmente procriam. A nossa estética, de base europeia, tradicionalmente definiu a criação artística como um dom essencialmente masculino. Excluída da órbita da criação, coube à mulher o papel secundário da reprodução. Essa tradição de criatividade androcêntrica que perpassa nossas histórias literárias assumiu o paradigma masculino de criação e, concomitantemente, a experiência masculina como paradigma da existência humana nos sistemas simbólicos de representação. Na medida em que esse paradigma adquiriu um caráter de universalidade, a diferença da experiência feminina foi neutralizada e sua representação subtraída de importância por não poder ser contextualizada dentro de sistemas de legitimidade que privilegiavam as chamadas ‘verdades humanas universais’ e por não atingir o patamar de ‘excelência’ exigido por critérios de valoração estética subentendidos na expressão (pouco clara, por sinal) ‘valor estético intrínseco’ vigente no discurso teórico-crítico da literatura (apud ALVES, 1998, p.245).

Insurgindo-se contra esse postulado, de que suas obras não tinham valor estético; portanto, eram “menores” (se consideradas pelo prisma dominante do homem escritor), visto que fugiam ao paradigma canônico de que, em literatura, as

verdades universais humanas deviam ser privilegiadas, as escritoras do Período Colonial brasileiro realizaram uma produção peculiar tentando fugir ao apagamento literário que a sociedade patriarcal lhes tentava impingir. Dentre essas autoras, encontra-se Ildefonsa Laura César.

ILDEFONSA LAURA CESAR (BAHIA, 1794 - ?): SUA OBRA

Segundo Ivía Alves, há quatro interditos limitadores da função da mulher como escritora:

1. a posição social que as autoras detinham enquanto vivas;
2. a formação intelectual e a penetração no espaço público como escritoras;
3. que tipo de público sua produção atinge;
4. como a categoria de gênero e classe interferem no discurso das autoras (ALVES, 1998, p.233).

No caso de Ildefonsa Laura César, os quatro aspectos, acima supracitados assim se configuram: 1. Embora que, supostamente, nascida em família ilustre, sua posição social foi afetada graças a seu envolvimento amoroso (fora dos padrões sociais vigentes na época) com José Lino Coutinho – homem com quem viveu sem ter se consorciado oficialmente (fugindo, assim, às regras sociais de então) e com quem teve uma filha: Cora². Apesar desse episódio, a vida literária dessa Autora nos surpreende, visto que é considerada “a primeira baiana a publicar seus versos em livro. **Ensaio Poético**, em 1844 e **Lição a meus Filhos**, um opúsculo de seis páginas, na Bahia, em 1843” (MUZART, 2000, p.145). 2. Apesar de uma produção literária de teor temático intenso (a paixão, o desejo, a liberdade, a saudade, entre outros), de cunho quase autobiográfico, sua obra foi silenciada, durante muito tempo esquecida (talvez pelo fato de a escritora fugir, inicialmente, ao *status quo* de uma vida conjugal dentro dos preceitos legais, vivendo, por assim dizer, uma “paixão proibida”), tendo seu nome sido registrado por Sacramento Blake. No ano de 2000, sua obra é trazida ao público leitor, em **Escritoras Brasileiras do Século XIX**, livro organizado por Zahidé Luppinnacci Muzart, reparando a injustiça a Ildefonsa impingida – o silêncio canônico que, desde então, temos tentado refutar por meio de pesquisas realizadas sobre sua escritura em projeto denominado “Escritoras Brasileiras do Período Colonial”. 3. Tendo em vista

² Depois de se separar de José Lino Coutinho e, após a morte deste último, Ildefonsa Laura César se casa com o major da guarda nacional Manuel Gomes Tourinho.

a situação de violência simbólica a que foi submetida, não temos como determinar o alcance de sua obra na época em que foi produzida; entretanto, atualmente, seus escritos já resultaram em diversos artigos, inclusive, em dissertação de mestrado cujo título é “A Representação do Amor na Escrita Poética de Beatriz Francisca de Assis Brandão, Delfina Benigna da Cunha e Ildefonsa Laura César”, defendida por Deyvid de Oliveira Pereira, em 15 de abril de 2014, no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Ceará – UFC, sob a orientação da Professora Doutora Edilene Ribeiro Batista. Atitudes como esta retiram do limbo escritoras cujo valor estético foi questionado de forma inapropriada, considerando, por exemplo, as questões contextuais em que tais autoras produziram. Para Ivía Alves, “pode-se observar que o julgamento de suas produções pelos críticos laicos e legitimados pelo espaço público sofre de preconceitos que ainda não foram superados” (ALVES, 1998, p.239) e que, por isso mesmo, devem ser reavaliados de forma neutra e crítica, a fim de que a produção dessas escritoras tenham seu valor literário reconhecido. 4. Na conjuntura do Período Colonial brasileiro, regido por um sistema patriarcal e misógino, cabia à mulher o âmbito privado – o *domus*, a casa. Ao transgredir tal preceito, escrevendo, Ildefonsa Laura César demonstra coragem e externa o sentimento de injustiça por que passava visto que, naquele então, “a produção de autoria feminina era avaliada pela perspectiva do paradigma dominante e, conseqüentemente, era julgada como uma obra mal elaborada. Os críticos preferiam condená-las – provavelmente por não saberem lidar com esse tipo de texto literário – do que se deter para examinar outras formas de expressão diferentemente das eleitas” (ALVES, 1998, p. 240). Assim, pela categoria gênero-classe, as mulheres forma alijadas do panorama lítero-cultural, simplesmente por serem o Outro. Há o desejo de domesticá-las, submetê-las a determinados padrões comportamentais cristalizados pela tradição. Entretanto, em se tratando de Ildefonsa Laura César, uma “ruptura” ocorrerá, visto que ela não se dobrará; não tomará para sua vida os preceitos da cultura dominante (com categorias rígidas e espaços pré-determinados). Ao contrário, ela irá subverter esses postulados, escrevendo³, corajosamente, por exemplo, sobre o gozo, o prazer, a liberdade para

³ Elaine Showalter “afirma que a literatura feminina, como aliás qualquer subcultura, apresenta três fases principais: a primeira, que ela chama de feminine, prolongamento da tradição dominante e incorporação dos valores vigentes; a segunda, a feminist, marcada pelo protesto desses valores; e a terceira a female, a fase da autodescoberta, da busca da identidade” (apud XAVIER, 1994, p. 276). Pelo exposto, podemos inferir que a produção literária de Ildefonsa Laura César insere-se na primeira fase da literatura feminina, visto que nela, segundo Sant’Anna (1989), a mulher tende a seguir os padrões masculinos de produção

amar, sendo considerada, talvez, a primeira escritora a produzir uma lírica erótica, no Brasil (MUZART, 2000). Enfim, o que

espanta, além da coragem da poetisa para, em sua lírica, afrontar a época com suas queixas é o fato de que tal poesia tinha permanecido tão terminantemente enterrada. Das poetisas contemporâneas de Ildefonsa, não há nenhuma que tinha tanta força e, sobretudo, tanto sentimento em seu canto (MUZART, 2000, p. 149).

A LÍRICA DE ILDEFONSA LAURA CESAR: GÊNERO, ALTERIDADE E PODER

A lírica de Ildefonsa Laura César está vinculada à Segunda Fase Neoclássica. Como escritora de transição, ela produzirá tanto textos com tendência árcade (onde trabalhará com uma temática bucólica, que apregoa a simplicidade, o pastoralismo, a vida feliz e amena, entre outras), como abarcará, também, o sentimento amoroso, a dor da saudade e da solidão pela perspectiva pré-romântica.

O foco de sua lírica será analisado, aqui, por três eixos, a saber: gênero, alteridade e poder. Sendo assim, será o olhar gendrado que permeará a poética da escritora ora em estudo.

Para Joan Scott, em “Gender: a Useful Category of Historical Analyses”, gênero, conceitualmente, é uma construção pautada nas relações sociais e na diferença entre os sexos. Nesse sentido, reafirma-se, a partir do exposto por Scott, o postulado de Simone de Beauvoir, em o **Segundo Sexo**: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, assim como não se nasce homem: torna-se homem. Joan Scott ainda estabelecerá que gênero é o “caminho primário” para estabelecer relações de poder. Nesse contexto, seguindo as relações binárias apregoadas por Hélène Cixous, em uma sociedade patriarcal, ter-se-á o dominador e o dominado, o Sujeito e o Outro que, segundo uma visão falocêntrica, correspondem, respectivamente, ao homem e à mulher. Tais preceitos são reforçados por aparelhos ideológicos (religião, educação, leis, etc.) e repressores (Estado, governo, etc.) que enfatizam o sentido macho/fêmea, feminino/masculino. Pelo exposto, podemos, então, afirmar que a sexualidade dos indivíduos são “enculturadas”, naturalizadas e, por

escrita como forma de autoafirmação. No caso de Ildefonsa, por exemplo, em sua lírica árcade são seguidos os modelos literários androcêntricos que vigoravam, no século XVIII, no Brasil.

envolverem relações de poder, definem, misogynamente, uma postura hierárquica onde o masculino é privilegiado cultural e socialmente.

Como mulher, em uma sociedade machista colonial, no Brasil, Ildefonsa Laura César não assumirá uma postura de dominada. Sabedora de que o poder patriarcal é continuamente construído e consolidado, ela invejará o viver simples e bom da pastora, pois reconhece que esse mesmo destino não foi para ela reservado. Sendo assim, a Autora cantará⁴:

Quanto invejo da pastora
o viver simples e bom!
Mas a mim negou o fado
não quis tivesse esse dom.

.....
Não fazem sua fortuna
vãs ilusões de grandeza
nem sofre cruéis motejos
seu tratar com singeleza.

Cantando à borda do rio,
que banha alegre morada,
seus projetos executa
sem que seja censurada.

Esse anseio por liberdade percorrerá sua obra frequentemente. Utilizando da escritura, Ildefonsa “[denunciará] os secretos desejos de uma vida inserida nos padrões vigentes” (MUZART, 2000, p. 149), questionando-os; afinal, enquanto mulher, vê-se “prisioneira de convenções e preconceitos”:

Livre, como és tu, por que
Me não fez a Natureza?
Ela te deu liberdade,
A mim dá sorte a fereza

Os mimos do bem, que adoras,
Podes sem susto gozar:
Cruel fado me proíbe
Os de meu Bem desfrutar!

⁴ Os excertos de textos aqui utilizados foram retirados da seguinte referência: MUZART, Zahidé Lupinnaci (Org). “Ildefonsa Laura César” In: _____. **Escritoras Brasileiras do Século XIX**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000. p. 145-161

Desejosa de liberdade, aqui tomada como princípio de alteridade⁵, a Autora quer igualdade⁶ de direitos para externar seus desejos e sentimentos. A ela não interessam “diferenças de nascimento, de posição, de *status* social” (SCOTT, 2005, p.15), nem mesmo de situação econômica, raça ou sexo. Ildefonsa espera ter dignidade, ansiando para que seus direitos, enquanto mulher e escritora, sejam respeitados. Assim, almeja estar “Isenta de austeras leis”, “Ignorando rigorismos/[sendo] feliz, onde estiver”, pois sabe que no contexto em que se encontra inserida, o poder está centrado no falo, mas nem por isso obedece às convenções sociais machistas. Utilizando-se de um discurso que lhe é peculiar, irá externar sua vontade de se libertar dos “grilhões que a acorrentam”:

Da minha cadeia os ferros,
O peso sinto esquecer
Quando te aperto em meus braços,
E posso alegre te ver.

Teu sorriso afasta logo
De minhas penas o horror:
Contigo vejo a fortuna,
Fogem males, surge o amor.

A presença do ser amado, encoraja-a a prosseguir:

Sua glória, em ser querida
vê seus dias, seus prazeres,
desempenhando mimosa
seus mais sagrados deveres.

A lírica de Ildefonsa Laura César aponta, assim, dentre outros aspectos, para sua luta em ser livre, externando seu amor, sentindo pleno gozo e prazer:

Ah! meu bem, é deleitoso
recordar ternos instantes
que dois sensíveis amantes
desfrutam em pleno gozo.

⁵ Alteridade, do latim *alteritas*, pode ser concebida como diversidade. O princípio da alteridade prevê um senso de igualdade para todos/as.

⁶ Para Joan Scott, em o “Enigma da Igualdade”, igualdade “é um princípio absoluto e uma prática historicamente contingente. Não é a ausência ou a eliminação da diferença, mas sim o reconhecimento da diferença e a decisão de ignorá-la ou de levá-la em consideração” (SCOTT, 2005. p.15).

Não há prazer mais gostoso
que o néctar provar do amor...
mas se amargo dissabor
o seu flagelo vem ser,
basta fazê-los sofrer
de uma saudade o rigor.

É pela produção de textos como o acima descrito que, sobre essa Autora, Zahidé Lupinacci Muzart afirmará: “As líras e quadras, no livro *Ensaíes Poéticos*, desvendam parte desses sentimentos, mostrando também a coragem dessa mulher que não hesitava em desvelar, à sociedade, uma paixão proibida!” (MUZART, 2000, 146).

“Amante” de José Lino Coutinho, Ildefonsa Laura César, provavelmente, sofria represálias sociais pela não formalização legal de uma vida conjugal que era considerada à margem dos preceitos e convenções legais de seu tempo. Mas ela seguia em frente. Apoderou-se do texto; transgrediu e acabou por denunciar, sem pudor, hipocrisias de sua época. Questionou a subalternidade feminina no período em que vivia e, por fim, não se submeteu aos ditames considerados inerentes à sua condição de mulher; com isso, apregoou alteridade em sua produção literária, interrogando sobre a pseudo legitimidade do fato de só ao homem ser permitido escrever. Desta feita, assim agindo, questionou o poder do falo.

CONCLUSÃO

Afirma Elaine Showalter:

... quanto mais precisamente compreendemos a especificidade da escrita das mulheres, não como um subproduto transitório do sexismo mas como uma fundamental e continuamente determinante realidade, mais claramente percebemos que entendemos nosso destino. Pode ser que nunca alcancemos a terra prometida; pois quando as críticas feministas veem nossa tarefa como o estudo da escrita das mulheres, percebemos que a terra prometida a nós não é a serenamente indiferenciada universalidade dos textos, mas o tumultuoso e intrigante campo selvagem da própria diferença (SHOWALTER, 1994, p. 54)

No contexto da assertiva de Showalter, lê-se, também, implicitamente, que para que as relações entre homem e mulher sejam melhor compreendidas em qualquer situação, necessário se faz que “gênero [seja] redefinido e reestruturado em conjunção com a visão de política e igualdade social que inclui não somente sexo, mas classe e raça” (SCOTT, 1986, p. 1075, *livre tradução*). No sentido dessa igualdade se coloca, dentre outras questões, o direito da mulher de produzir literatura assim como fez, de forma corajosa, Ildefonsa Laura César.

De forma geral, as escritoras do Período Colonial brasileiro não tiveram, para fazermos uma apologia a Virginia Woolf, “um teto todo seu”; ao contrário, a sociedade lhes foi hostil; entretanto, produziram e, pelo fazer literário, ainda que de forma não reconhecida, contribuíram com a formação cultural nacional. Silenciadas, violentadas simbolicamente, continuaram escrevendo, em uma atitude de subversão. São, portanto, merecedoras de nosso olhar analítico que, seguindo uma postura revisionista, pretende resgatá-las do limbo a que foram confinadas, tentando trazê-las ao conhecimento do público leitor; buscando reparar as injustiças a elas impingidas; dando-lhes, enfim, voz.

REFERENCIAS

ALVES, Ivia. “Escritoras do Século XIX e a Exclusão do Cânone Literário” In: _____. PASSOS, Elizete; ALVES, Ivia; MACÊDO, Márcia (Orgs.). **Metamorfoses: Gênero na Perspectiva Interdisciplinar**. Salvador: UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1998. p. 231-246

COSTA, Ana Alice Alcântara. “Trajetória e Perspectivas do Feminismo para o Próximo Milênio” In: PASSOS, Elizete; ALVES, Ivia; MACÊDO, Márcia (Orgs.). **Metamorfoses: Gênero na Perspectiva Interdisciplinar**. Salvador: UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1998. p. 25-35

MUZART, Zahidé Lupinnaci (Org). “Ildefonsa Laura César” In: _____. **Escritoras Brasileiras do Século XIX – Vol. I**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000. p. 145-161

SANT’ANNA, Affonso Romano de. “A Escrita, a Identidade, a Androginia”. In: BRANCO, Lúcia Castello & BRANDÃO, Ruth Silviano. **A Mulher Escrita**. Rio de Janeiro: Casa-Maria Editorial/LTC – Livros Técnicos e Científicos Ed., 1989. p.5-9

SCOTT, J. W. “Gender: a Useful Category of Historical Analysis” In: **The American Historical Review**, New York, v.91, n.5. p.1053-1075, 1986.

_____. "O Enigma da Igualdade" In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.13, n.1, p.11-30, 2005.

SHOWALTER, Elaine. "A Crítica Feminista no Território Selvagem" In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Tendências e Impasses: o Feminismo como Crítica da Cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

XAVIER, Elódia. "A Narrativa de Autoria Feminina: Ontem e Hoje" In: FUNCK, Susana Bornéo (Org.). **Trocando Ideias sobre a Mulher e a Literatura**. Florianópolis: UFSC, Pós-Graduação em Inglês, 1994. p. 271-277

ANEXOS: ANTOLOGIA (EXCERTOS)⁷

LIRA

Quanto invejo da pastora
o viver simples e bom!
Mas a mim negou o fado,
não quis tivesse esse dom.

Aquela no verde prado
seu rebanho vê pastar,
a natureza contempla,
que a deixa seus bens gozar.

Enquanto do sol ardente
deixa passar o calor,
cheirosas flores enrama
para dar ao seu amor.

Não fazem sua fortuna
vãs ilusões grandeza;
nem sofre cruéis motejos
seu tratar com singeleza.

Cantando à borda do rio,
que banha alegre morada,
seus projetos executa
sem que seja censurada.

Isenta de austeras leis,
pensa, ri, brinca se quer.
Ignorando rigorismos
é feliz, onde estiver.

⁷ O objetivo de transcrever, aqui, dois textos de Ildefonso Laura César é o de propiciar ao público leitor um maior contato com algumas de suas produções líricas cujos trechos foram utilizados neste trabalho.

Pelos céus abençoados
vê seus dias, seus prazeres,
desempenhando mimosa
seus mais sagrados deveres.

Sua glória, em ser querida
e querer, funda somente.
Carinhosa tem carinhos,
e vive assim bem contente.

Ai de mim! A quem a sorte
de tão altos bens privou,
ditosos dias ainda
comigo não compartilhou.

LIRA

Da minha cadeia os ferros,
O peso sinto esquecer
Quando te aperto em meus braços,
E posso alegre te ver.

Teu sorriso afasta logo
De minhas penas o horror:
Contigo vejo a fortuna,
Fogem males, surge amor.

Por ti menos rigorosos
Encaro os destinos meus,
Por ti meus ferros desfeitos
Hão de ser por mão d'um Deus.

Em vão tua ausência sinto!
De mim ninguém se entenece!
Surdos são à voz da dor!
Ninguém ouvir-me parece!

Ó vós, que me dais os ferros!
Do meu pranto vos doei.
Dai-me a doce liberdade,
E a quem dias votei.

Recebido: 10.04.15 | Aprovado: 20.05.15

